

**COLOCAÇÃO PRONOMINAL NAS VARIEDADES EUROPÉIA, BRASILEIRA E
MOÇAMBICANA: PARA A DEFINIÇÃO DA NATUREZA DO CLÍTICO EM PORTUGUÊS**

Silvia Rodrigues Vieira

1. TEMA

Estudar a colocação pronominal pode parecer, à primeira vista, uma aventura com pouco retorno, dado o caráter aparentemente exaustivo do tratamento já dispensado ao velho tema – seja, tradicionalmente, associando-o às diferenças entre as variedades brasileira e portuguesa, seja, modernamente, utilizando essa diversidade para o estabelecimento dos princípios e parâmetros gramaticais adotados na(s) gramática(s) do Português. Ilude-se quem assim pensa. Na verdade, confunde-se o número de vezes em que já se focalizou o assunto com a sua suposta integral compreensão.

Definir o ponto mais importante a ser investigado, tendo em vista os já diferentes olhares lançados à ordem dos clíticos, foi, sem dúvida, uma das mais árduas tarefas desta pesquisa. Como afirma PAGOTTO (1992:1), comparando a gramática de uma língua a um palco, em que os atores jogam sempre com as faces fonológica, morfológica e sintática,

os clíticos pronominais são daqueles atores em que as três faces são difíceis de dissociar. Ao espectador não pode escapar nenhum detalhe de nenhuma das três, porque neles as três máscaras estão de tal forma imbricadas que qualquer deslize significa deixar de lado um ponto importante da carpintaria do espetáculo.

De fato, a ordem dos clíticos constitui forte ilustração de um fenômeno que advém da inter-relação de diferentes níveis gramaticais, legítimo caso de interface, que, por isso mesmo, ainda não se encontra de todo elucidado na(s) Gramática(s) do Português.

Sem dúvida, este trabalho poderia investigar, levando em conta a amplitude do fenômeno, exclusivamente: (a) a sua face sintática, colaborando, em especial, com os estudos que buscam explicações para a variação e a mudança lingüísticas, a partir das estruturas gramaticais internas nas variedades de uma dada língua; (b) a sua face morfológica, averiguando, em primeiro plano, a natureza categorial dos pronomes átonos em cada uma das variedades; e (c) a sua face fonológica, estabelecendo os elementos prosódicos e acústicos que determinam os parâmetros de cliticização, os quais poderiam justificar opções distintas entre as variedades da língua.

Se, em termos metodológicos, o privilégio a cada uma dessas faces é possível, na esfera teórica, a compreensão do fenômeno não pode prescindir da relação entre elas. E, para que esta relação se estabeleça, acredita-se ser fundamental dispor de uma descrição baseada em dados efetivamente produzidos por usuários do Português que fundamente a caracterização do fenômeno em relação a cada um dos referidos níveis gramaticais.

Embora muitos estudos tenham sido dedicados ao conhecimento das diversas faces do fenômeno, alguns elementos parecem estar mais intuídos do que efetivamente atestados. Cite-se, nesse sentido, o parco conhecimento de que se dispõe sobre as características rítmicas das variedades do Português, fundamentais para a determinação do(s) parâmetro(s) prosódico(s) de cliticização. Ademais, não se pode afirmar que já se encontrem registradas as normas objetivas referentes à ordem dos clíticos. Apesar de se ter conhecimento da opção preferencial do Português do Brasil e do Português Europeu (doravante PB e PE, respectivamente), queixam-se renomados estudiosos de falta de informações que sirvam de base às generalizações teóricas.

Assumindo a importância dos diversos níveis gramaticais para a análise da ordem dos clíticos, o presente trabalho aborda o fenômeno em três variedades do Português – a

brasileira, a europeia e a moçambicana (doravante PM)– nas modalidades oral e escrita, com base em dados que apresentam pronomes átonos em enunciados constituídos não só por lexias verbais simples, mas também por complexos verbais. Investigam-se os contextos morfossintáticos que favorecem uma dada variante e os elementos de base prosódica que poderiam justificar padrões distintos de cliticização fonológica.

2. OBJETIVOS

Para o pleno cumprimento do propósito geral, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: (1) atestar a variante mais utilizada por modalidade em cada uma das variedades do Português, estabelecendo, assim, os parâmetros de colocação pronominal; (2) identificar os condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos que determinam a opção do falante pela variante preferida; (3) proceder ao levantamento das características prosódicas, quanto a duração, intensidade e frequência fundamental, que podem motivar diferentes padrões de ligação fonológica dos clíticos nas variedades brasileira e europeia; e, (4) com o cumprimento dos três objetivos anteriores, reunir elementos para a reflexão sobre a natureza dos clíticos na Língua Portuguesa.

3. PROBLEMAS

3.1. A primeira questão a ser investigada nesta pesquisa é a seguinte: o que constitui, efetivamente, a norma objetiva da ordem dos clíticos em PB, PE e PM, nas modalidades oral e escrita?

Para o alcance da resposta ao primeiro problema, utiliza-se o arcabouço teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista, que se vale, como instrumental técnico computacional, do pacote de programas VARBRUL.

3.2. O segundo problema da investigação pode ser formulado da seguinte forma: quais os parâmetros de base acústica que efetivamente atuam no condicionamento da ordem dos clíticos em Português?

Para o alcance da resposta à segunda questão, utiliza-se o arcabouço teórico-metodológico da Fonética Acústica, valendo-se tratamento dos dados segundo o funcionamento do Programa Computacional CSL (Computerized Speech Lab). Estuda-se o comportamento dos pronomes em dados do PE e do PB (não foi possível efetuar as gravações específicas para análise prosódica com falantes moçambicanos), procedendo-se (i) à determinação da duração, da intensidade e da frequência fundamental, viabilizada pelo tratamento dos dados, e (ii) à síntese dos enunciados.

O recurso da manipulação dos fatores acústicos constitui um recurso essencial para a delimitação precisa das diferenças prosódicas. O procedimento consiste em submeter ao programa o enunciado de uma dada variedade e transformá-lo, por meio da alteração de parâmetros prosódicos, em um outro enunciado. Alterados os parâmetros e, conseqüentemente, adquirido o enunciado em sua nova versão, testa-se, nesta pesquisa, a eficiência da “transformação” do enunciado por meio da realização de testes perceptivos com falantes do Português quanto ao reconhecimento da ligação do clítico – se à direita ou à esquerda.

4. O ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO

4.1. O “corpus”

4.1.1. Modalidade oral

Para cada variedade do Português, recorreu-se a “corpora” criteriosamente constituídos:

(i) para o PE – Corpus de Referências do Português Contemporâneo (CRPC);

(ii) para o PM – Corpus do Panorama do Português Oral de Maputo (PPOM);
 (iii) para o PB – Corpus da Norma Urbana Culta Carioca (NURC), Corpus do Programa para Estudos do Uso da Língua (PEUL), Corpus do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).

Segundo as possibilidades oferecidas por cada “corpus”, estabeleceram-se os critérios para a escolha dos informantes. Quanto à faixa etária, foram distribuídos em três grupos – faixa A (18 a 35 anos), faixa B (36 a 55 anos), faixa C (56 anos em diante). Para a definição dos níveis de escolaridade, nos casos das variedades brasileira e européia, o critério foi o do número de anos escolares cursados. Os informantes foram distribuídos da seguinte forma: nível 1 – analfabetos ou com parca escolaridade; nível 2 – 8^o ano de escolaridade; nível 3 – curso superior.

Na variedade moçambicana, dadas as particularidades no processo de aprendizagem do Português, respeitaram-se os níveis de escolaridade propostos pelos organizadores do “corpus” utilizado. Assim sendo, distribuem-se os informantes por três graus de instrução: nível 1 – da 3^a a 7^a classe –; nível 2 – da 8^a a 11^a classe; nível 3 – frequência universitária.

Sistematizando-se os critérios iniciais de constituição do “corpus”, estabeleceram-se cinco entrevistas de cada nível de escolaridade em cada uma das faixas etárias, como se apresenta no quadro a seguir:

	Nível 1 de instrução	Nível 2 de instrução	Nível 3 de instrução
Faixa A	5 entrevistas	5 entrevistas	5 entrevistas
Faixa B	5 entrevistas	5 entrevistas	5 entrevistas
Faixa C	5 entrevistas	5 entrevistas	5 entrevistas

Quadro 1: Distribuição do número de entrevistas pelas variáveis sociais

4.1.2. Modalidade escrita

Para a investigação da modalidade escrita, utilizaram-se textos extraídos de revistas e/ou jornais veiculados no Brasil, em Portugal e em Moçambique. Para o PB, utilizaram-se o Jornal do Brasil e O Globo; para o PE, Jornal de Notícias, Diário de Notícias e O Público; para o PM, Jornal Notícias e Revista Tempo.

Selecionaram-se, de cada variedade do Português, trinta textos (de aproximadamente uma página) – quinze editoriais e quinze crônicas. Recolheram-se, assim, todos os pronomes átonos registrados em um total de 90 textos jornalísticos.

4.2. Resultados

A análise que se apresenta a seguir conta com um total de 5196 ocorrências de pronomes átonos, distribuídas pelas modalidades oral e escrita das três variedades do Português. Para fins de descrição dos resultados variacionistas, levam-se em conta, separadamente, as lexias verbais simples (cf. item 4.2.1), que perfazem um total de 4167 dados, e os “grupos verbais” ou “complexos verbais” (cf. item 4.2.2), que somam 1029 casos. A distribuição desses dados pelos “sub-corpora” deu-se da seguinte forma:

	Lexias verbais simples		Complexos verbais	
	Oral	Escrito	Oral	Escrito
Português Europeu	729 ¹⁶⁴	264	201	52
Português Moçambicano	1347	257	437	64
Português do Brasil	1369	201	254	21
Total	3445	722	892	137

Distribuição dos dados pelos “subcorpora”

Foram consideradas complexos verbais quaisquer construções constituídas por mais de um vocábulo verbal e em que o último deles é uma forma não-finita, o que engloba as tradicionais locuções verbais e, ainda, estruturas que configuram duas orações.¹⁶⁵

O critério de segmentação do “corpus” geral em dois conjuntos justifica-se pelo fato de se ter por objetivo observar as possibilidades de colocação dos clíticos (antes do primeiro verbo, entre o primeiro e o segundo, e, ainda, após o segundo) em função das possíveis relações morfossintáticas, semânticas e prosódicas que o pronome estabelece com os constituintes dos complexos verbais. Soma-se a essa razão o fato de, em termos operacionais, ser inviável a constituição de iguais grupos de fatores para o tratamento das estruturas com lexias verbais simples e com complexos verbais. Os condicionamentos para a colocação pronominal num e noutra caso contam com fatores diferenciados.

4.2.1. A ordem dos clíticos nas lexias verbais simples

4.2.1.1. A distribuição dos dados

Observe-se, a seguir, a distribuição dos 3445 dados produzidos em contexto de discurso oral, nas três variedades do Português, pelos fatores constitutivos da variável dependente, quais sejam:

- colocação pré-verbal ou próclise
(ex.1, s.4.1) *olha... uma vez **me** contaram uma coisa que eu quase não acreditei* (PB oral, inf. 233, faixa B, nível 3)¹⁶⁶
- colocação pós-verbal ou ênclise
(ex.2, s.4.1) *as pessoas são impacientes -- **insultam-se*** (PM oral, inf. PC19CUN, faixa A, nível 3)
- colocação intraverbal ou mesóclise
(ex.3, s.4.1) *Sinceramente, a celebração **far-se-ia** do mesmíssimo modo e com a mesmíssima gente, com ou sem Jorge Sampaio.* (PE escrito, Diário de Notícias, 04/05/2000, p. 17, “Até Fátima”)

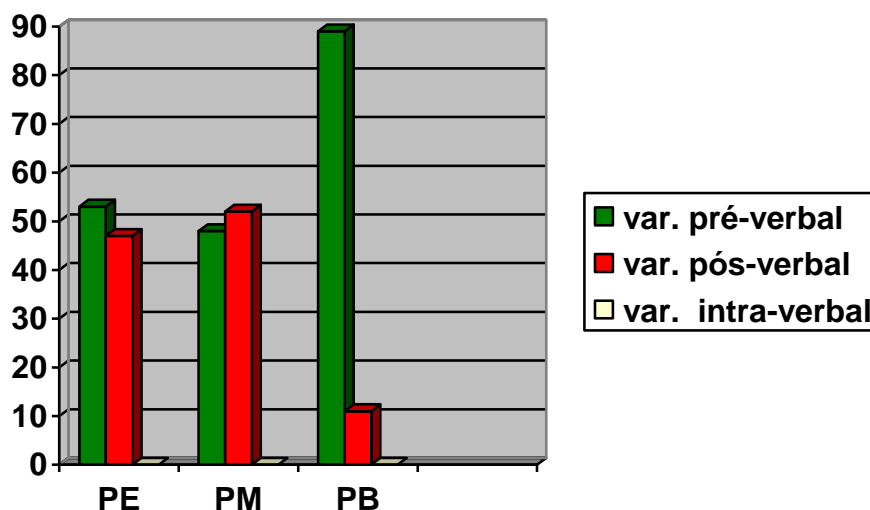
¹⁶⁴ O menor número de dados registrado no PE deve-se ao fato de os inquéritos utilizados serem muito menores do que os das outras variedades.

¹⁶⁵ O tratamento separado das estruturas constituídas de mais de uma forma verbal tem sido uma prática corrente em diversos trabalhos sobre a ordem dos clíticos. Variam, entretanto, os tipos de complexos verbais considerados a depender do enfoque. DUARTE, I. et alii (2001), por exemplo, ao tratarem da ordem dos clíticos, separam os casos de “domínio finito” dos de “domínio não-finito”; nestes últimos, incluem-se tradicionais locuções verbais, construções causativas e perceptivas, bem como outros complexos em que figuram as formas não-finitas. Para maior compreensão dos critérios que nortearam a identificação dos complexos verbais deste trabalho, conferir seção 4.2.2.

¹⁶⁶ Serão fornecidas as seguintes informações, relativas às fontes dos dados, para a devida identificação dos exemplos: (a) variedade e modalidade, arquivo sonoro, número/código do informante/inquérito, faixa etária e nível de escolaridade do informante – no caso da modalidade oral; (b) variedade e modalidade, título do periódico, data de publicação, página e título do editorial ou da crônica (quando houver) – no caso da modalidade escrita. A apresentação desses exemplos respeita a transcrição proposta pelos organizadores de cada “corpus”.

Lexias verbais simples – Modalidade Oral						
	Português Europeu		Português Moçambicano		Português do Brasil	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Próclise	383/729	53%	651/1347	48%	1221/1369	89%
Ênclise	346/729	47%	696/1347	52%	148/1369	11%
Mesóclise	0/729	0%	0/1347	0%	0/1369	0%

Distribuição das variantes relativas à ordem dos clíticos em lexias verbais simples no “corpus” oral das três variedades do Português



Ordem do clítico em lexias verbais simples em cada variedade do português (modalidade oral)

Em primeiro lugar, chama a atenção o fato de não haver, em qualquer das três variedades consideradas, a ocorrência de mesóclise. A colocação intraverbal está em flagrante desuso na modalidade oral da Língua Portuguesa.

Levando em conta a próclise e a ênclise, observa-se que o PE e o PM apresentam uma distribuição equilibrada dos dados pelas duas variantes, tendo o PM uma manifestação de ênclise um pouco acima da metade dos dados (53%) e o PE, um pouco abaixo (47%). Por outro lado, reafirma-se a conhecida opção do PB pela próclise (89%).

Os resultados alcançados para o PE parecem, à primeira vista, contradizer a generalização normalmente assumida de que o PE (e talvez também o PM) tenha por opção preferencial a ênclise. Ocorre que qualquer consideração a respeito dos dados acima expostos precisa ser vinculada ao contexto morfossintático em que se insere o pronome átono. Ao que parece, a tendência europeia à colocação pós-verbal está diretamente vinculada aos contextos em que não se encontram presentes os tradicionais “atratores”; caso haja algum desses elementos, espera-se a próclise. A título de ilustração, das 729 ocorrências do “corpus” europeu, em apenas 261 dados não se registrou um possível “atrator”. A alta produtividade de contextos que propiciam a “atração” do pronome pode justificar os números alcançados.

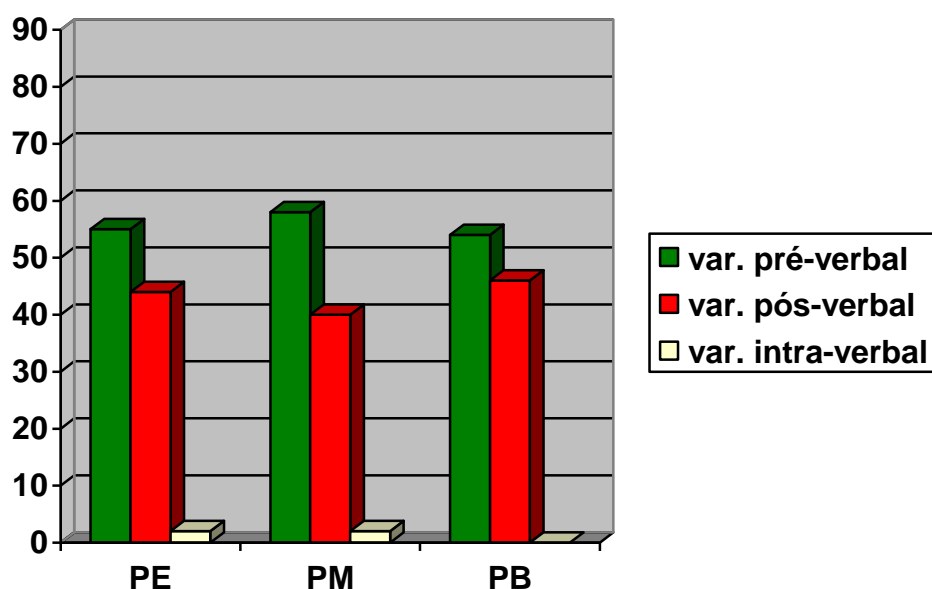
Quanto ao PB, a tendência à próclise manifesta-se na maioria dos dados do “corpus”. Resta proceder ao levantamento dos contextos em que a ênclise (11%) sobrevive na variedade brasileira, gerando uma espécie de “ilha de resistência à mudança” (cf. LOBO, 1992), se é que se pode pensar em mudança.

A descrição do comportamento de cada variável estudada – levando em conta os valores absolutos e percentuais de próclise relativos às variantes constitutivas dos grupos de fatores¹⁶⁷ – e o estabelecimento das variáveis condicionadoras da ordem dos clíticos – por meio dos pesos relativos fornecidos pela análise variacionista realizada para cada uma das variedades – devem esclarecer o que determina a distribuição dos dados ora relatada.

Observe-se, a seguir, a distribuição dos 722 dados produzidos na modalidade escrita pelos fatores constitutivos da variável dependente, nas três variedades do Português:

Lexias verbais simples – Modalidade escrita						
	Português Europeu		Português Moçambicano		Português do Brasil	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Próclise	144/264	55%	149/257	58%	108/201	54%
Ênclise	116/264	44%	104/257	40%	93/201	46%
Mesóclise	4/264	2%	4/257	2%	0/201	0%

Distribuição das variantes relativas à ordem dos clíticos em lexias verbais simples no “corpus” escrito das três variedades do Português



Ordem do clítico em lexias verbais simples em cada variedade do português (modalidade escrita)

¹⁶⁷ Os valores absolutos e percentuais expostos nas tabelas com resultados das variáveis independentes referem-se à próclise. A escolha da variante pré-verbal justifica-se pelo fato de ela constituir a variante mais marcada em duas das três variedades estudadas (o PE e o PM), sendo a ênclise a variante não-marcada. Interessa investigar, portanto, os elementos condicionadores, de ordem lingüística e extralingüística, da próclise.

Em primeiro lugar, deve-se registrar que, também na modalidade escrita, a mesóclise não ocorre com expressividade. Dos exemplos do “corpus”, pode-se estabelecer o contexto morfossintático em que a mesóclise sobrevive. Restrita às formas de futuro do presente (6 casos) e futuro do pretérito (2 casos), a variante ocorre em formas verbais antecedidas de elementos que não funcionam como operadores de próclise (SNs sujeito ou SAdvS do tipo locução ou advérbio em *–mente.*). Levando em consideração o padrão gramatical, os usuários da modalidade escrita do PE e do PM não têm outra opção nesse contexto, visto que, de um lado, o uso da ênclise violaria a restrição morfológica relativa ao tempo verbal, e, de outro, o uso da variante pré-verbal não estaria de acordo com a ordem canônica dos clíticos em contextos sem operador de próclise.

O desuso da mesóclise também se constatou no PB escrito. A improdutividade dessa forma pode ser associada à preferência pelas perífrases verbais de futuro formadas por *ir + infinitivo*. Analisando casos de hipercorreção, RIBEIRO (1999) registra a inabilidade no uso da mesóclise por parte de estudantes brasileiros, que se revela em construções do tipo *<dar-ia-lhe uma festa, se pudesse>*.

Segundo a autora, a dificuldade de aprendizagem da “regra de mesóclise” também se revela nos exemplos em que o autor opta pela ênclise com as formas do futuro do pretérito como em *<convidaria-o, se possível>* ou *<para simplificar, poderia-se formular uma regra como...>*.

Acredita-se que a explicação proposta pela autora deve estar vinculada ao traço de alta formalidade que se traduz no uso da variante intraverbal. A inexistência de mesóclise nos três “corpora” orais e o baixo número de casos no PE e no PM escritos indicam que o desuso se estende às outras variedades do Português.

Quanto à próclise e à ênclise, é curioso observar que, em termos de distribuição percentual dos dados na modalidade escrita, as três variedades dispõem de padrões muito semelhantes. Essa semelhança pode confirmar, de certa forma, a força niveladora que regula o comportamento dos usuários de uma determinada língua. Embora dominem variedades bastante diferenciadas em situações comunicativas naturais (o oral espontâneo), pautam-se, ao que parece, por uma norma comum na modalidade escrita.

Feitas essas considerações iniciais, passa-se à descrição dos resultados obtidos para cada variedade, nas modalidades oral e escrita, os quais se referem aos grupos de fatores estabelecidos previamente.

O tratamento computacional referente às lexias verbais simples contou com as seguintes variáveis: (i) lingüísticas (comuns aos “corpora” oral e escrito): tipo de oração, presença de operador de próclise na oração, distância entre o operador de próclise e o grupo clítico-verbo, tempo e modo verbais, tipo de clítico, valor do se (ou tipo de clítico + valor do se), função do clítico, tonicidade da forma verbal; e (ii) extralingüísticas: para o “corpus” oral, faixa etária, escolaridade (ou faixa etária + escolaridade) e, para o “corpus” escrito, tipo de texto.

4.2.1.2. O comportamento das variedades: dados de lexias verbais simples

No que se refere à ordem dos clíticos em lexias verbais simples, o estudo permite traçar a seguinte caracterização das variedades:

(a) O Português Europeu apresenta um condicionamento muito sistemático quanto à ordem dos clíticos, não só na modalidade oral, mas também na escrita, o qual se restringe a elementos de natureza estrutural.

Embora haja, no conjunto dos dados de lexias verbais simples do PE, uma distribuição equilibrada dos dados pelas variantes pré-verbal e pós-verbal, os resultados das variáveis condicionadoras revelaram que tal distribuição se justifica, sobretudo, pela

produtividade de contextos de subordinação, nos quais atuam os chamados elementos “atratores”. Excetuando-se tais contextos, realiza-se a variante mais comum: a pós-verbal.

Sobressaem, no condicionamento do fenômeno, as variáveis presença de operador de próclise na oração e distância entre o operador e o grupo clítico-verbo e atua, em segundo plano, o grupo “tempo e modo verbais”. O grupo “tipo de clítico” também se mostra relevante apenas para o PE oral.

A presença de alguns elementos – SAdv do tipo < *aqui* >, elemento “denotativo”, preposições < *para* >, < *de* > e < *sem* >, partícula de negação, conjunção subordinativa, pronome ou advérbio relativo e palavra –QU–, no contexto antecedente ao grupo clítico-verbo (especialmente quando estão próximos do grupo) é determinante para a realização da variante pré-verbal no PE.

Em segundo plano, atua o grupo “tempo e modo verbais”, diferenciando as formas do indicativo, de comportamento variado quanto à ordem dos clíticos, das do subjuntivo, favorecedoras da variante pré-verbal. O grupo particulariza, ainda, o comportamento das formas nominais do verbo e do imperativo, que são desfavorecedoras da próclise.

Apenas para o PE oral, o grupo “tipo de clítico” ganha relevo, em função do comportamento dos clíticos acusativo e dativo de 3ª pessoa, que propiciam a ênclise, em oposição aos pronomes < *se* > e de 1ª e 2ª pessoas, que se submetem ao condicionamento geral da variedade.

(b) No Português Moçambicano, quanto às lexias verbais simples, a tendência à variante pós-verbal é expressiva, ocorrendo, inclusive, em contextos em que se espera a anteposição do pronome ao verbo. Em outras palavras, o PM tende a realizar a ênclise de forma generalizada.

Embora também se tenha atestado a relevância dos grupos de fatores “presença de operador de próclise na oração” e “distância entre o operador e o grupo clítico-verbo”, o condicionamento não é tão sistemático quanto o do PE: o comportamento dos fatores das variáveis evidencia a instabilidade da “operação de próclise”. Tanto a seleção desses grupos quanto o fato de com eles ora interagirem outras variáveis de natureza morfossintática – como “tipo de oração”, “tempo e modo verbais” e “tipo de clítico” – revelam essa assistemática.

Não obstante a referida instabilidade, e atentando para as relações entre as variáveis selecionadas no tratamento variacionista, podem-se apontar os elementos favoráveis à próclise no PM da seguinte forma:

(i) quanto à presença de operadores de próclise na oração e à distância entre esses operadores e o grupo clítico-verbo: o SAdv do tipo < *aqui* >, as preposições < *para* >, < *de* >, < *sem* >, a partícula de negação, o elemento < *que* > (exceto a conjunção integrante), a conjunção subordinativa, o pronome/advérbio relativo e palavras QU-, especialmente quando estão próximos do clítico;

(ii) quanto ao tipo de oração: as orações subordinadas desenvolvidas;

(iii) quanto ao tempo e modo verbais (apenas para o “corpus” oral): as formas do subjuntivo;

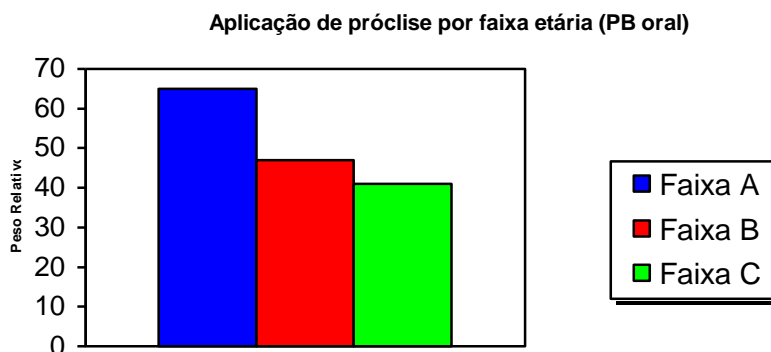
(iv) quanto ao tipo de clítico: o clítico dativo de 3ª pessoa (*lhe*).

(c) O Português do Brasil, diferentemente do PE e do PM, assume um comportamento particular, em cada modalidade. Ao que parece, como em todo processo de aprendizagem de uma língua, embora se aprenda o Português, no Brasil, como língua materna, adquire-se, na escola, uma norma muito diferente da que é naturalmente aprendida, o que configura uma nítida situação de ‘diglossia’.

Os dados confirmam que, de modo geral, a ordem não-marcada é a próclise. Os contextos que determinam a existência da ênclise no PB oral são os seguintes:

de ordem lingüística – os pronomes *o/a(s)* e *se*, este principalmente em estrutura de indeterminação/apassivação e em contextos sem a presença de um tradicional “operador de próclise”;

de ordem extralingüística – a fala de indivíduos com mais de 55 anos de idade.



Aplicação da próclise por faixa etária nas lexias verbais simples do PB oral

No “corpus” escrito, embora se mantenha o condicionamento relativo ao tipo de clítico, a adoção de um modelo “importado” para a escrita da imprensa brasileira faz com que o grupo “presença de operador de próclise na oração” (especialmente na oposição início absoluto *versus* demais contextos) se torne relevante no condicionamento do fenômeno. Além dele, atuam as variáveis “tipo de oração” e “distância entre o operador e o grupo clítico-verbo”.

Não favorecem a variante pré-verbal no PB escrito: (i) quanto à presença de operador de próclise e à distância entre esse operador e o grupo clítico-verbo – a ausência de um operador, a conjunção coordenativa e a locução adverbial, especialmente quando não se encontram juntos do grupo clítico-verbo; (ii) quanto ao tipo de clítico: os pronomes *o/a(s)* e o pronome <*se*> indeterminador/ apassivador; (iii) quanto ao tipo de oração – as orações ditas “independentes”, em primeiro plano, e as orações coordenadas sindéticas e as subordinadas reduzidas de infinitivo, que atuam em segundo plano.

4.2.2. A ordem dos clíticos nos complexos verbais

Para responder à questão motivadora deste estudo, procedeu-se ao estabelecimento dos fatores constitutivos da variável dependente, quais sejam:

- colocação pré-complexo verbal (pré-CV ou cl V1 V2)
(*ex.4, s.4.1*) (Ex. 1) *suponho eu... claro que não me tenho dedicado aos problemas do ensino* (PE, CRPC, inq. 1378)
- colocação intra-complexo verbal (intra-CV ou V1 cl V2)
(*ex.5, s.4.1*) (Ex. 2) *mamãe não podia me acompanhar... então nem cheguei a ir* (PB, NURC, inq. 261)
- colocação pós-complexo verbal (pós-CV ou V1 V2 cl)
(*ex.6, s.4.1*) (Ex. 3) *porque posso dizer que é a partir do namoro que pode vir a manter-se um casamento rijo que dificilmente será -- poderá divorciar-se* (PM, PPOM, inq. AM23VRA)

Da observação dos exemplos acima, cumpre ressaltar um ponto-chave na compreensão do fenômeno, que diz respeito à possibilidade de não haver correspondência entre a posição dos pronomes no enunciado e a sua ligação fonológica. Não se pode determinar, pela simples audição dos enunciados, que, em um enunciado como <*pode me dar*>, o <*me*> esteja ligado ao <*pode*> ou ao <*dar*>. ¹⁶⁸ Assim sendo, considera-se, nesta

¹⁶⁸ Acredita-se que a única forma “confiável” de se constituir a variável dependente contemplando, de antemão, a cliticização fonológica seria submeter todas as ocorrências do “corpus” ao tratamento acústico. O parâmetro da

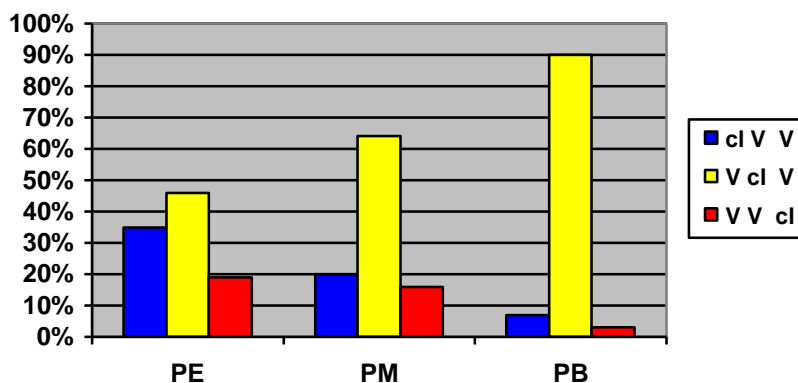
etapa da análise, tão-somente a posição do pronome no enunciado em relação ao verbo e não a possível ligação prosódica do pronome com o elemento à sua esquerda ou à sua direita.

Submetidos à questão geral do estudo, que investiga o padrão de ordem dos clíticos no complexo verbal, figuram os demais pontos da investigação: (a) os clíticos estão ligados à forma finita do verbo ou à não-finita?; (b) a composição do complexo verbal afeta o padrão de colocação do pronome?; (c) o tempo e o modo da forma verbal flexionada interferem na ordem dos clíticos?; (d) a presença de elementos intervenientes no complexo verbal – preposições, sintagmas adverbiais – altera o padrão de ordem dos clíticos?; (e) os diferentes tipos de clíticos determinam padrões de ordem distintos?; (f) os “atratores do pronome” atuam no caso dos complexos verbais? (g) caso atuem, a distância entre esses operadores e o grupo clítico-verbo(s) interfere na ordem?; (h) os fatores extralingüísticos controlados – faixa etária e escolaridade – exercem alguma influência sobre o fenômeno?

Para responder a essas questões, investiga-se a atuação das seguintes variáveis independentes: (i) lingüísticas (comuns aos “corpora” oral e escrito) – tipo de clítico, valor do *se* (ou tipo de clítico + valor do *se*), função do clítico; presença de operador de próclise na oração, distância entre o operador de próclise e o grupo clítico-verbo, tempo e modo verbais de V1; forma do verbo não-flexionado; presença de preposição/conector no interior do complexo verbal; presença de sintagma no interior do complexo verbal; composição do complexo verbal; e (ii) extralingüísticas – para o “corpus” oral, faixa etária, escolaridade (ou faixa etária + escolaridade) e, para o “corpus” escrito, tipo de texto.

4.2.2.1. A distribuição dos dados

As três variedades concretizam com maior frequência a variante intra-CV, como se pode observar no gráfico abaixo:



Ordem do clítico em complexo verbal em cada variedade do português

4.2.2.2. O comportamento das variedades: dados de complexos verbais

Levando em conta a colocação pronominal nos enunciados com complexos verbais, podem-se caracterizar as variedades do Português da seguinte forma:

cliticização fonológica foi investigado por meio do tratamento dos dados de um “corpus” constituído especialmente para a análise prosódica (cf. item 5).

(a) No Português Europeu, a variante mais produtiva é a intra-complexo verbal. Quando o pronome se encontra entre duas formas verbais, o pronome liga-se ao elemento que o antecede; em outras palavras, o PE oral admite, na maioria dos casos, ênclise a V1.

A variante pré-complexo verbal, também produtiva, tem a sua existência determinada, sobretudo, pela presença de operador de próclise no contexto anterior ao complexo verbal, tendendo a ocorrer, ainda, quando o pronome em questão é o <se> do tipo indeterminador/apassivador e quando a forma de V2 é o particípio. Os contextos que exibem a variante pós-complexo verbal relacionam-se, principalmente, a essas duas variáveis, tendendo a ocorrer se a segunda forma verbal for o infinitivo e se o pronome em questão for o clítico acusativo de 3^a pessoa ou o <se> reflexivo/inerente;

(b) No Português de Moçambique, verifica-se que a colocação intra-complexo verbal também é a preferida. Os resultados de base variacionista levam a crer que o pronome que figura entre as duas formas verbais se ligue a V1; assim sendo, pode-se supor que o PM oral também admita, por tendência, a ênclise ao primeiro verbo.

Atuam, no condicionamento da variante pré-complexo verbal, além das variáveis relevantes para o Português como um todo, a presença de elemento que atua como operador de próclise no contexto anterior ao complexo verbal. A variante pós-CV é determinada, sobretudo, pela “forma do verbo não-flexionado” (o infinitivo), pelo “tipo de clítico” (*o/a(s)* e *se* reflexivo/inerente) e pela “presença da preposição <a> no interior do complexo verbal”.

No “corpus” do PM oral, a variável de caráter extralingüístico “faixa etária” sugere que, com o passar do tempo, o indivíduo moçambicano concretiza cada vez mais a variante pré-CV e cada vez menos a variante pós-CV, adquirindo o mecanismo da “operação de próclise”.

(c) No Português do Brasil oral, a ordem dos clíticos nos complexos verbais revela que predomina a variante intra-complexo verbal em 90% dos casos, independentemente da atuação de qualquer tipo de elemento condicionador.

No que se refere à relação do pronome com as duas formas verbais, a análise oferece evidências (também advindas dos contextos de interposição de elementos no complexo verbal) de que o pronome se liga ao verbo posterior; em outras palavras, o PB oral admitiria, normalmente, próclise à segunda forma verbal dos complexos.

Em função da artificialidade da construção pré-CV nos contextos de “perífrases verbais”, atua, no condicionamento do fenômeno, a variável extralingüística “escolaridade”. O grau de instrução do informante colabora no sentido de favorecer a anteposição do pronome ao complexo verbal. A variante pós-CV, ainda mais rara, ficaria restrita a construções com a segunda forma verbal no infinitivo seguida, principalmente, do clítico acusativo de 3^a pessoa.

(d) Observando-se, mais detalhadamente, os grupos de fatores relevantes por variedade, aproximam-se, de um lado, as variedades europeia e moçambicana e, de outro, as variedades moçambicana e brasileira.

O PE e o PM têm em comum, quanto às variáveis condicionadoras da ordem dos clíticos, além das já apontadas, a “presença de ‘atrator’ do pronome na oração” e a “presença de elemento (sintagma ou preposição/conector) no interior do complexo verbal”, ambas relacionadas a elementos que podem atuar na “atração” do pronome.

O PM e o PB aproximam-se pelo fato de contarem com um condicionamento da ordem dos clíticos de natureza extralingüística: na variedade moçambicana, é a faixa etária o elemento que, no processo de aprendizagem, atua em direção à aquisição da variante pré-CV; na variedade brasileira, atua no favorecimento a essa variante o nível de escolaridade. Uma vez mais, fica nítido o fato de que, em ambas as variedades, a par da

aquisição natural da língua portuguesa com “normas” objetivas particulares, há (ou não), com o passar do tempo e conseqüente contato com um modelo lingüístico, a adoção de uma norma “estrangeira” idealizada.

Feitas essas considerações, sistematizam-se os resultados de tais grupos de fatores nas tabelas que se apresentam na próxima seção¹⁶⁹, de forma a tornar possível aferir o que é produtivo no condicionamento da ordem dos clíticos em enunciados com complexos verbais do Português como um todo.

4.2.2.3. A sistematicidade do condicionamento das variáveis: complexos verbais

A análise da ordem dos clíticos nos complexos verbais, ora sintetizada, revela que são elementos fundamentais no condicionamento das três variantes da ordem dos clíticos no Português como um todo as variáveis relativas ao “tipo de clítico”, à “forma do verbo não-flexionado” e à “constituição do complexo verbal”.

Em virtude de o PE (e possivelmente o PM) se diferenciar do PB, quanto ao padrão de cliticização fonológica, atuam, ainda, apenas para as duas primeiras variedades, a “presença de possível operador de próclise no contexto anterior ao complexo verbal” e a “presença de elemento interveniente entre as duas formas verbais”.

(a) Tipo de clítico/ valor do *se*

A sistematização do comportamento das variáveis relativas às formas pronominais correlaciona-se ao que já se apontou na análise dos tipos de complexos.

Complexos verbais – modalidade oral ¹⁷⁰			
TIPO DE CLÍTICO	PE	PM	PB
<i>me</i>	+ (.51)	+ (.46)	/
<i>nos</i>	+ (.78)	+ (.67)	/
<i>o, a, os, as</i>	+ (.95)	+ (.99)	+ (100%)
<i>lhe, lhes</i>	+ (.76)	- (.16)	/
<i>se reflexivo/inerente</i>	+ (.64)	+ (.77)	/
<i>se indet./apassivador</i>	- (.12)	- (.14)	/

Condicionamento da variante pós-CV segundo a variável “tipo de clítico” em dados de complexos verbais nas três variedades

De todos os pronomes, apresentam comportamento evidentemente diferenciado o clítico acusativo de terceira pessoa e o pronome <*se*>. As demais formas pronominais submetem-se, em geral, ao condicionamento dos grupos de fatores atuantes em cada variedade. Aparente exceção seria o índice obtido para <*lhe*> no PM, que, entretanto, a análise dos dados revelou estar relacionado ao tipo de complexo verbal e não ao tipo de clítico.

É quase categórica a posição do clítico acusativo de terceira pessoa aos complexos verbais nas três variedades. Conforme se defendeu no decorrer da análise, as características fonéticas desse pronome – o único do tipo silábico V – constituem o elemento que o diferencia de todos os demais. A “fragilidade” sonora da forma <*o/a*> desfavorece a sua sustentação no interior do complexo verbal.

¹⁶⁹ Para a composição das tabelas, nem sempre foi possível apresentar os pesos relativos para todos os fatores constitutivos das variáveis, devido à seleção de grupos oferecida pelo Programa, que não se deu da mesma forma em todos os casos. De modo a tornar possível a comparação entre os “corpora”, tomam-se por base os valores percentuais, quando necessário.

¹⁷⁰ Cabem dois esclarecimentos para a leitura dessa tabela: (i) não se exhibe o pronome <*te*> por motivo de insuficiência de dados; (ii) apresenta-se, para o PB, apenas o resultado obtido para os 4 dados do clítico acusativo de 3ª pessoa do “corpus”, em que se deu a variante pós-CV, a fim de viabilizar a comparação.

Levando-se em conta que a variante pré-CV é regulada, sobretudo, pela presença de operadores no enunciado, a possibilidade de ocorrência do pronome restringe-se à variante pós-CV, que constitui uma estratégia para a alteração do padrão silábico de V para CV (*lo/no*)¹⁷¹. Isto se confirma pelo fato de, nas três variedades, só ter ocorrido um dado de posposição do pronome <o> a uma forma verbal diferente do infinitivo. Ainda assim, o enunciado – *deixava-o ficar* – é do tipo “construção causativa/sensitiva”, complexo que, por sua própria constituição, impede a posposição do <o> complemento de <deixar> ao verbo <ficar> (*deixava ficá-lo*).

Quanto ao comportamento do pronome <se>, os valores obtidos na análise do grupo “valor do *se*”, relativos à aplicação da variante pré-CV, confirmam de forma sistemática os resultados acima mencionados nas três variedades:

Complexos verbais – modalidade oral			
VALOR DO <i>SE</i>	PE	PM	PB
Reflexivo/inerente	– (.21)	– (.30)	– (.36)
Indeterminador/apassivador	+ (.71)	+ (.76)	+ (.86)

Tabela 20 (s.4.1): Condicionamento da variante pré-CV segundo a variável “valor do *se*” em dados de complexos verbais nas três variedades

De fato, o <*se*> reflexivo/inerente não costuma ocorrer anteposto ao complexo verbal e o <*se*> indeterminador/apassivador, ao contrário, concretiza-se como variante pré-CV, nas três variedades do Português. Na realidade dos dados, esses resultados revelam que o <*se*> reflexivo/inerente tende a ficar adjacente a V2, o verbo que o domina sintaticamente na maioria dos casos (excetuando-se as construções em que V1 é o verbo *pôr-se/habituarse*), e o <*se*> indeterminador/apassivador se localiza na adjacência de V1.

(b) Forma do verbo não-flexionado

Essa variável contribui, sobretudo, para demonstrar o condicionamento da variante pós-CV. Comprova-se, pela tabela abaixo, que essa posição é bloqueada pelo particípio e desfavorecida pelo gerúndio, que não ocorreu na modalidade oral do PE e foi pouco produtiva no PM.

Complexos verbais – modalidade oral ¹⁷²		
FORMA DO VERBO NÃO-FLEXIONADO	PE	PM
Particípio	– (0%)	– (0%)
Gerúndio	– (0%)	– (8%)
Infinitivo	+ (23%)	+ (17%)

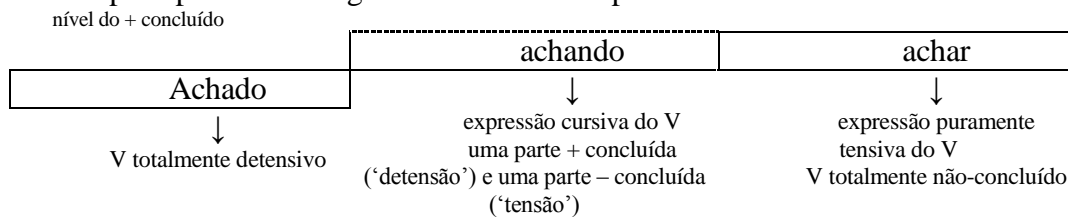
Condicionamento da variante pós-CV segundo a variável “forma do verbo não-flexionado” em dados de complexos verbais no PE e no PM

Esse quadro gradativo de aplicação da variante pós-complexo verbal ([particípio: zero variante pós-CV] > [gerúndio: +/- variante pós-CV] > [infinitivo: + variante pós-CV]) condiz com o processo de nominalização das formas do verbo, visto como uma escala de “conclusão” da temporalidade, conforme propõe GUILLAUME (apud VALIN, 1990). Nessa escala, o particípio é a forma nominal integralmente concluída, resultado de um processo em que o verbo se tornou totalmente “detensivo”. O gerúndio constitui a expressão cursiva do verbo, em que uma parte da expressão verbal está concluída (em

¹⁷¹ A forma *no/na(s)*, menos freqüente do que a *lo/la(s)*, aparece cinco vezes, no “corpus” do PE e do PM.

¹⁷² Não foi possível apresentar a tendência brasileira quanto à forma do verbo não-flexionado pela insuficiência de dados.

“detensão”) e outra não está (“tensão”). O infinitivo é, dos “modos quasi-nominais”¹⁷³, a expressão puramente “tensiva” do verbo e, por assim dizer, a forma não-concluída, o Verbo em pura-potência. A figura abaixo ilustra o processo descrito:



Escala de ‘tensão’/‘detensão’ das formas nominais do verbo, segundo a perspectiva de GUILLAUME (*apud* VALIN, 1990)

A ordem dos clíticos reflete a gradação proposta no modelo acima. À forma “menos nominal” das três corresponde a maior produtividade de ligação do clítico. O gerúndio, categoria intermediária na linha de “nominalização”, registra baixa concretização da variante pós-CV. Sendo o particípio a etapa final da perda do traço tensivo, é natural que o pronome não o acompanhe.

(c) Tipo de complexo verbal

- Nas construções causativas/sensitivas, o clítico complemento de V1 figura na adjacência do verbo “matriz” nas três variedades.

- Nos complexos dos tipos “perífrase verbal” e “bi-oracional com mesmo referente-sujeito”, a posição do clítico é diferenciada nas variedades européia e moçambicana, a depender do estatuto (não-)oracional dos dois verbos: as perífrases, atuando como uma unidade léxico-gramatical, registram a distribuição das variantes consoante o condicionamento geral dessas variedades, enquanto os complexos bi-oracionais de mesmo referente sujeito registram maior número de casos de pronomes após V2, do qual eles são, na maior parte das vezes, complementos.

- O comportamento que se acaba de atestar não se aplica ao PB, em virtude de este apresentar o pronome, tanto nas perífrases quanto nos complexos bi-oracionais, imediatamente anteposto à segunda forma verbal.

Cruzando esses resultados com os do tipo de clítico, constata-se que:

(i) no PE (de forma mais evidente) e no PM, a tendência verificada quanto ao valor do <se> encontra maior expressividade nos “complexos bi-oracionais com mesmo referente-sujeito” do que nas “perífrases verbais”. Tudo leva a crer que, enquanto as chamadas perífrases atuam, quanto à ordem dos clíticos, como uma unidade léxico-gramatical – de modo que cada “sub-corpus” apresentou o que é sistemático para a ordem dos clíticos na variedade –, o complexo bi-oracional com mesmo referente-sujeito favorece a adjacência do clítico, especialmente o <se> reflexivo/inerente, ao verbo que determina a sua existência em termos sintáticos.

(ii) No PB, essa diferença de comportamento por tipo de complexo não parece aplicar-se: o condicionamento atestado quanto à variável “valor do se” ocorre tanto na ‘perífrase’ verbal quanto no complexo bi-oracional de mesmo referente-sujeito.

4.1.2. Presença de “atrator” do pronome na oração

¹⁷³ Para o autor, o modo serve para datar as cronoteses (resultado de cortes no movimento do pensamento sobre um eixo em profundidade) na cronogênese. Os modos – quasi-nominais, conjuntivo e indicativo – constituiriam três graus diferentes (da intervenção na cronogênese mais precoce à mais tardia) de completude da imagem-tempo.

Cabe sistematizar, por fim, o comportamento da variável que se relaciona à “atração” pronominal, relevante nos “corpora” europeu e moçambicano.

Complexos verbais – modalidade oral		
OPERADOR DE PRÓCLISE	PE	PM
Nenhum	– (.02)	– (0%)
SN sujeito	– (0%)	– (0%)
Conjunção coordenativa	– (0%)	– (.07)
SAdv – <i>aqui</i>	+ (.85)	neutro (.44)
SAdv – <i>sempre, -mente</i> , locuções	– (0%)	– (.25)
Preposição <i>a</i>	– (0%)	– (0%)
Preposição <i>para</i> ou <i>de</i>	neutro (.36)	neutro (.44)
Partícula de negação	+ (.86)	+ (.76)
Conjunção subordinativa, int. <i>se</i> , elemento <i>que</i> , pron./adv. relativos; palavra QU-	+ (.88)	+ (.72)
Conjunção integrante <i>que</i>	+ (.88)	– (.29)
Elemento ‘denotativo’ ¹⁷⁴	+ (.88)	– (.28)

Condicionamento da variante pré-CV segundo a variável “presença de ‘atrator’ do pronome na oração” em dados de complexos verbais no PE e no PM

Pelo quadro acima, pode-se sistematizar o funcionamento do grupo nos enunciados com complexos verbais da seguinte forma:

(1) atuam como “atratores” nas duas variedades (com maior intensidade no PE do que no PM): a partícula de negação, a conjunção subordinativa, o elemento <que> (exceto conjunção integrante), o pronome/advérbio relativo, a palavra QU-;

(2) não favorecem a variante pré-CV nas duas variedades os seguintes fatores: a ausência de operador, o SN sujeito, a conjunção coordenativa, o SAdv dos tipos *sempre/em -mente*/locução adverbial, a preposição <a>; apresenta índice da variante pré-CV compatível com a regra geral das variedades as preposições <para> e <de>;

(3) apresentam comportamento diferenciado por variedade os fatores SAdv do tipo <aqui>, a conjunção integrante <que> e o elemento “denotativo”, os quais atuam como “atratores” no PE e não o fazem no PM.

Como se pode observar, a atuação dos “atratores” do pronome átono efetiva-se no “corpus” dos complexos verbais, sendo o principal elemento condicionador da variante pré-CV nas variedades europeia e moçambicana. Observando-se as tendências gerais, essa operação intensifica-se, especialmente, nos contextos com <se> indeterminador/apassivador ou quando a segunda forma verbal é o participio.

Quanto ao condicionamento geral do fenômeno, deve-se destacar, aqui, a sistematicidade do comportamento dos dados da modalidade oral em relação a alguns aspectos:

(i) É quase categórica, nas três variedades, a posposição do clítico acusativo de terceira pessoa aos complexos verbais.

(ii) O <se> reflexivo/inerente tende a ficar adjacente a V2 – verbo que o domina sintaticamente na maioria dos casos (excetuando-se as construções do “corpus” em que V1 é o verbo *pôr-se/habitar-se*) – e o <se> indeterminador/apassivador localiza-se na adjacência de V1.

(iii) A ordem dos clíticos nos complexos verbais é sensível ao tipo de estrutura do complexo verbal conforme detalhado acima.

¹⁷⁴ Esses dois elementos estão sendo apresentados separadamente, por terem admitido comportamento particular no caso do PM, embora no PE tenham sido analisados em conjunto com a variante anterior.

(iv) a forma do particípio, dado o seu caráter ‘detensivo’ não acolhe pronome átono.

5. O ESTUDO PROSÓDICO

5.1. O “corpus”

Organizaram-se dois conjuntos de dados. O primeiro funcionou como um “corpus-piloto” para a testagem dos melhores contextos para o estudo do fenômeno, de modo a definir o “corpus” definitivo.

Dos enunciados deste “corpus”, foram priorizados para a análise os seguintes contextos:

Contextos com *me*, *nos* e *se*, acompanhados de vocábulos com padrões acentuais diversos, incluindo casos em que os pronomes vêm antecidos de sílaba postônica vocabular e seguidos de sílaba pretônica vocabular:

Esse remédio vai me dar um alívio imediato.
 Esse remédio vai me curar de todos os males.
 Esse remédio vai me proteger dessa doença.
 Esse remédio pode me dar um alívio imediato.
 Esse remédio pode me curar de todos os seus males.
 Esse remédio pode me proteger dessa doença.
 Esse remédio vai nos dar um alívio imediato.
 Esse remédio vai nos curar de todos os males.
 Esse remédio vai nos proteger dessa doença.
 Esse remédio pode nos dar um alívio imediato.
 Esse remédio pode nos curar de todos os males.
 Esse remédio pode nos proteger dessa doença.
 Pode-se ver a mesa sempre que se chega.
 Pode-se virar a mesa sempre que se chega.
 Pode-se revirar a mesa sempre que se chega.
 Ela vinha me comunicar a nota.
 Tenho me visto aflita.

Pares (quase-)mínimos com os pronomes *me* e *te* que viabilizam a comparação das sílabas pretônicas e postônicas do vocábulo formal com os pronomes proclíticos e enclíticos:

Só menino na cadeira de balanço
 Só me nino na cadeira de balanço.

Esse aluno só me dita no final do curso.
 Esse aluno só medita no final do curso.

Nunca me ganha nos jogos.
 Nunca meganha nos jogos.

Como miçanga acalma eu não entendo.
 Como me sangra a alma eu não entendo.

Para a gravação dos enunciados do “corpus-piloto”, contou-se com a participação de um falante europeu e um brasileiro; para a gravação do “corpus II”, foram utilizados dois falantes europeus e dois brasileiros.

Os resultados obtidos por meio da análise prosódica indicam que a medição dos correlatos acústicos do acento (duração, intensidade e frequência fundamental) e a utilização do recurso da síntese da fala, tomadas em conjunto, comprovam o suposto padrão diferenciado de cliticização fonológica do PB e do PE.

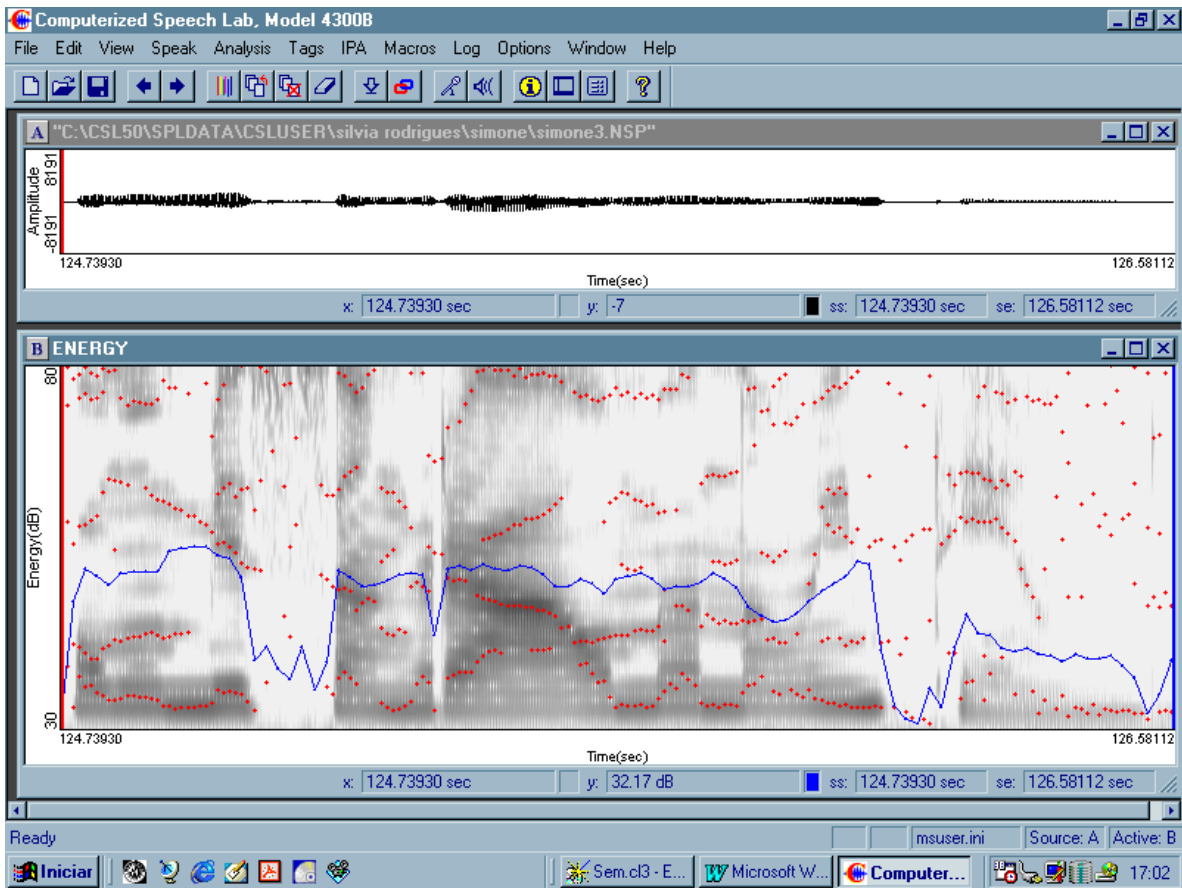
5.2. Os resultados

Os resultados permitem afirmar que, em termos acústicos,

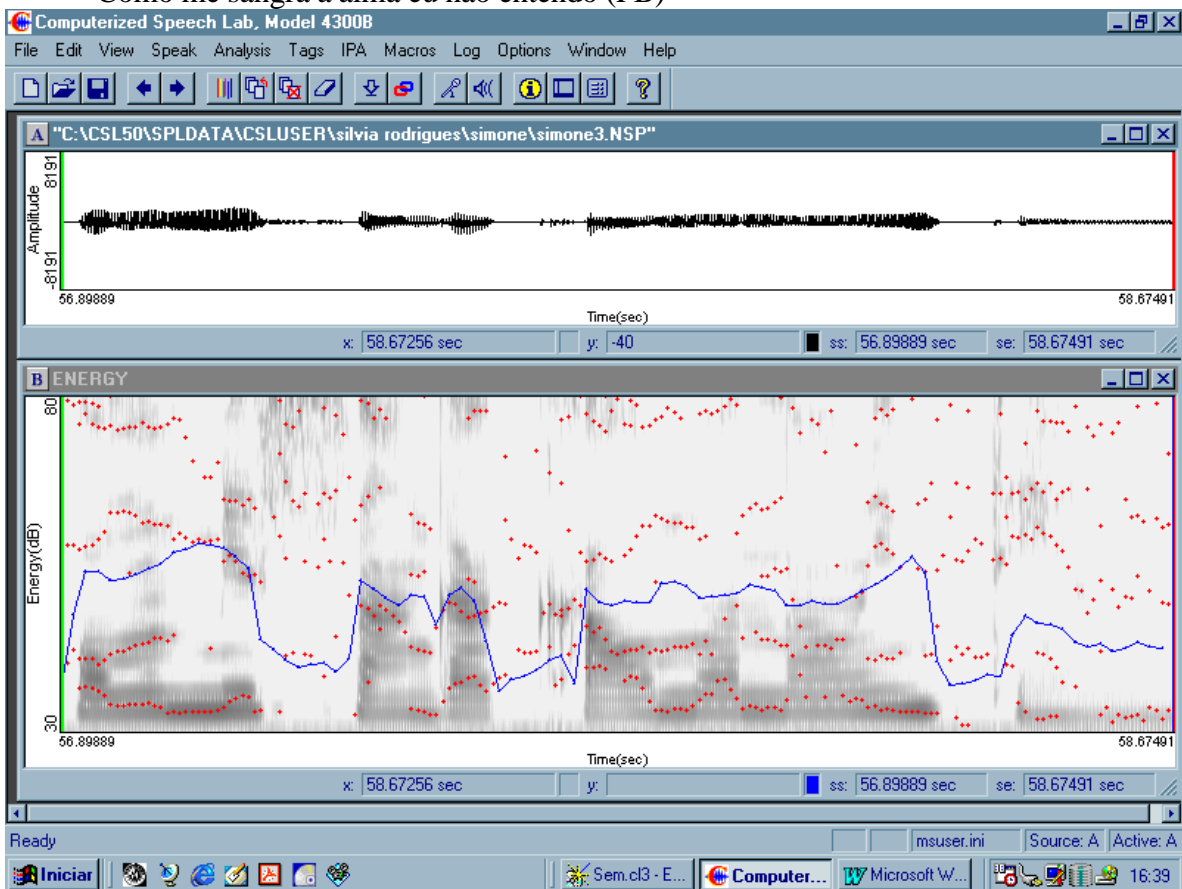
(i) o pronome átono do PB apresenta, quanto à duração e à intensidade, as mesmas configurações de uma sílaba pretônica vocabular; o pronome átono do PE assume, quanto à duração e à intensidade, as características de uma sílaba postônica/pretônica vocabular.

A fim de ilustrar as tendências reveladas no exame dos correlatos acústicos do acento, apresentam-se, adiante, as imagens que contêm a representação do par <como me sangra a alma eu não entendo/como miçanga acalma eu não entendo>, enunciado por um falante brasileiro (cf. as duas primeiras imagens). Comparando a primeira imagem (como me sangra a alma eu não entendo) com a segunda (como miçanga acalma eu não entendo), fica evidente a semelhança da sílaba do pronome átono com a sílaba pretônica vocabular no PB.

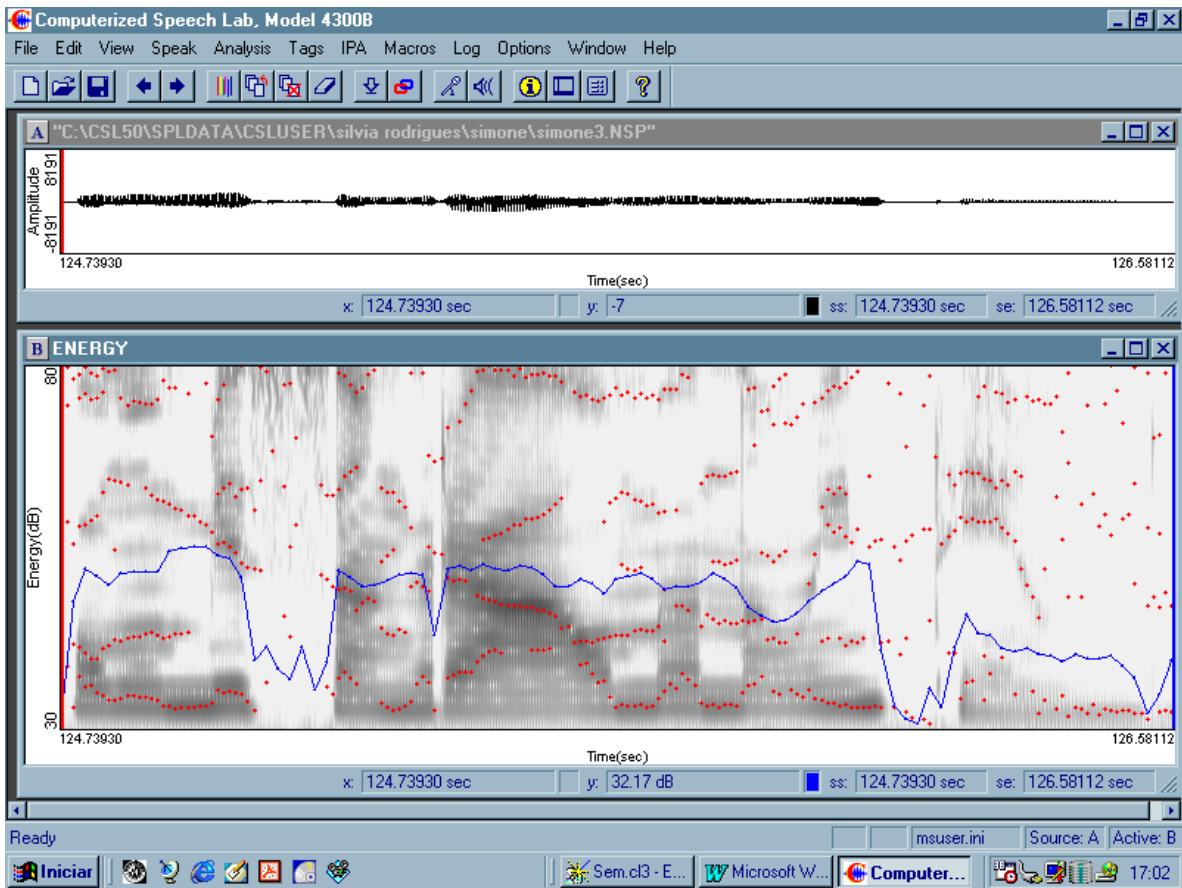
Em seguida, compara-se a imagem do enunciado <como me sangra a alma eu não entendo> pronunciado pelo falante brasileiro com a produzida pelo falante europeu (cf. as duas últimas imagens). Confrontando-se as duas imagens, pode-se observar a menor duração e a menor intensidade do pronome do PE em relação ao do PB, reveladas, respectivamente, na extensão e na amplitude do segmento relativo ao <me>, na ‘onda sonora’, e, igualmente, na extensão do segmento e na queda do traçado da intensidade (linha azul), no espectrograma.



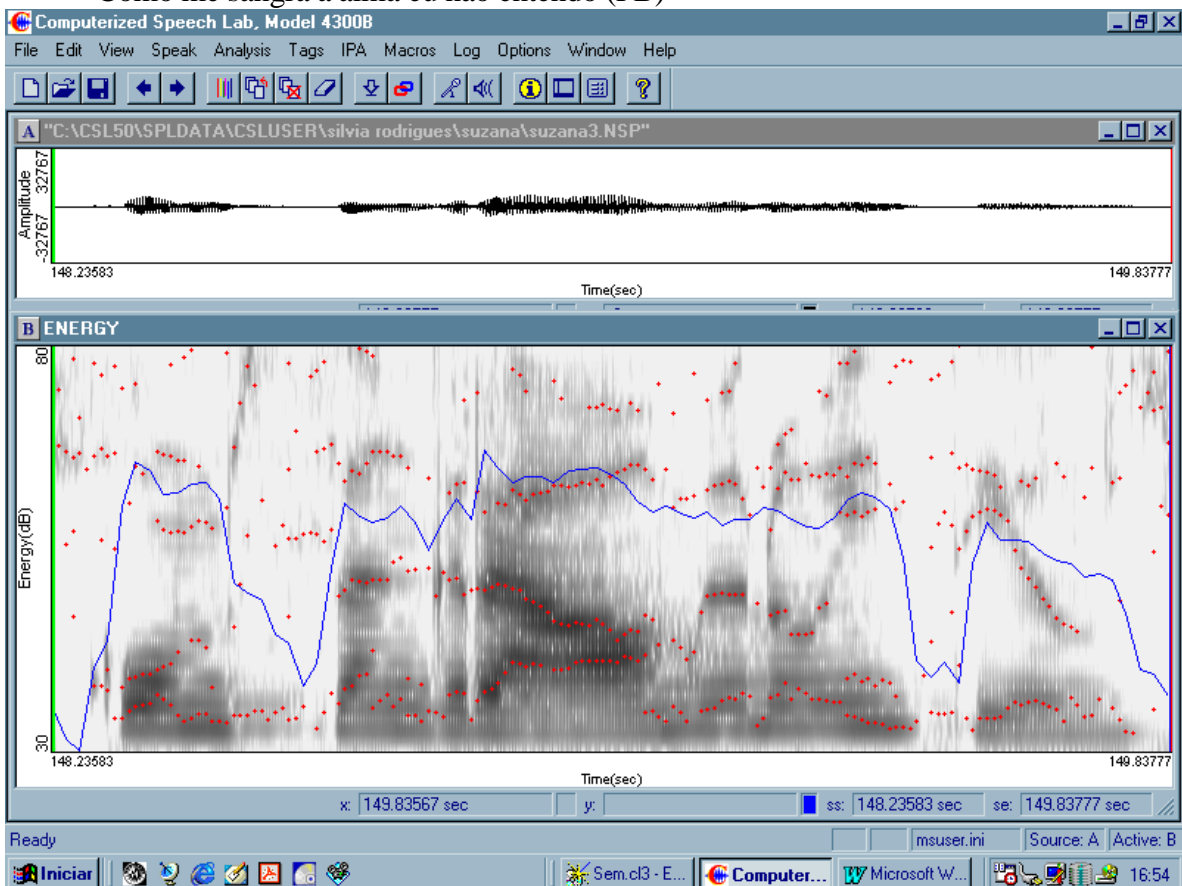
Como me sangra a alma eu não entendo (PB)



Como miçanga acalma eu não entendo (PB)



Como me sangra a alma eu não entendo (PB)

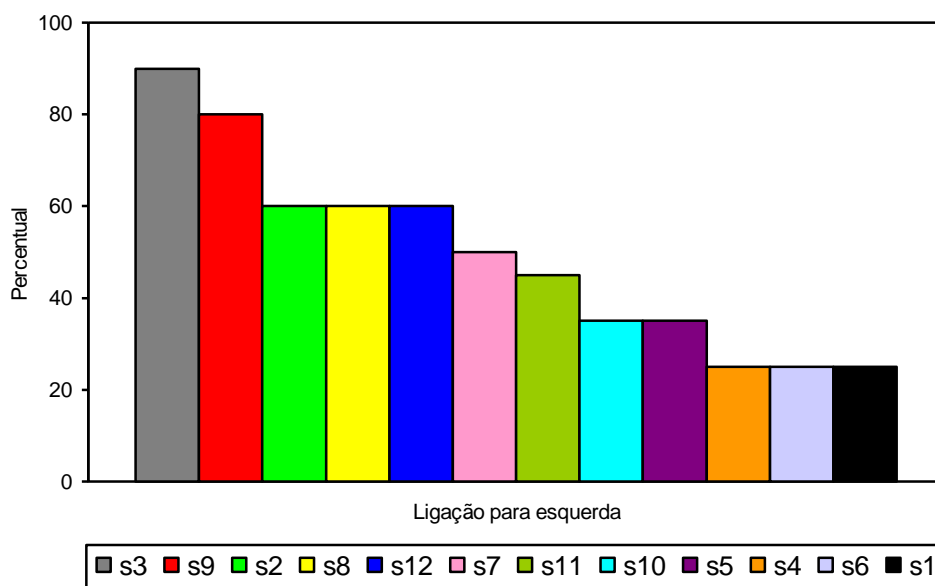


Como me sangra a alma eu não entendo (PE)

(ii) a ligação fonológica do pronome átono no PB dá-se para a direita, enquanto o PE assume o parâmetro da ligação fonológica para a esquerda; e

(iii) o parâmetro acústico do acento que determina a cliticização do pronome à esquerda é, essencialmente, a duração – abreviada no PE –, atuando, em segundo plano, a intensidade – menor no PE (A frequência fundamental não é pertinente para a diferenciação.).

Os resultados acima, adquiridos pela medição dos parâmetros acústicos do acento e pelo recurso da síntese da fala, ficam evidentes por meio do julgamento dos ouvintes nos testes de percepção.



Percepção da ligação fonológica do pronome à esquerda, segundo os valores percentuais dos votos em testes de percepção auditiva em relação a doze contextos: enunciado original brasileiro (s1) e enunciados manipulados segundo recurso de síntese de fala (s2 a s10)

GRAUS DE PERCEPÇÃO DA LIGAÇÃO PARA ESQUERDA
GRAU 1= versão original (S1) / redução leve da intensidade (S4) / F0: de descendente a ascendente (S6)
GRAU 2= redução forte da intensidade (S5) / F0: de descendente a ascendente e redução leve da duração (S10)
GRAU 3= F0: de descendente a ascendente e redução leve da intensidade (S11) / redução leve de duração e intensidade (S7)
GRAU 4= redução leve da duração (S2) / redução leve da duração e forte da intensidade (S8) / F0: de descendente a ascendente e redução leve de duração e intensidade (S12)
GRAU 5= redução forte da duração e leve da intensidade (S9) / redução forte da duração (S3)

Observando-se o gráfico acima, verifica-se que:

- (i) O parâmetro de cliticização à esquerda está associado, em primeiro plano, ao parâmetro acústico da duração: a redução forte do tempo da sílaba do clítico acarreta a escolha quase categórica desse parâmetro (80/90%); a redução leve do tempo da sílaba do clítico acarreta opção pelo parâmetro em mais da metade dos casos (60%).

Destaque-se que foi apenas a redução forte da duração – e não a alteração de timbre (que não foi realizada no experimento) – o fator responsável pela identificação da ligação à esquerda: a sílaba, sem a vogal reduzida quanto ao timbre, mas abreviada quanto à duração, é percebida como enclítica.

(ii) O parâmetro acústico da intensidade atua moderadamente na determinação do parâmetro de cliticização à esquerda: a redução forte da intensidade faz aumentar o índice de percepção do parâmetro à esquerda (de 25 para 35%); ademais, associada a outros dois parâmetros, a redução da intensidade do clítico aparece também nos graus intermediários (3 e 4). Observe-se que, se a alteração for apenas uma redução leve da intensidade, o enunciado é percebido da mesma forma que o original.

7. A NATUREZA DA ORDEM DO CLÍTICO EM PORTUGUÊS

Por todas as características da ordem dos clíticos atestadas no tratamento dos conjuntos de dados submetidos à análise, admite-se que o pronome átono do Português é um elemento híbrido, que, de um lado, partilha características compatíveis com as de um afixo, e, de outro, se comporta como uma palavra. Por esse motivo, inclui-se na categoria de “forma dependente” (nos termos de CÂMARA JR., 1977).

Entretanto, num e noutro aspecto, pode-se identificar a preponderância da atuação de determinado nível gramatical no condicionamento do fenômeno da seguinte forma:

- a face sintática da gramática da língua atua, primeiramente, determinando que o hospedeiro do pronome átono, em termos estruturais, é uma forma verbal, à qual o clítico figura, via de regra, adjacente;

- a face “prosódica” estabelece o hospedeiro fonológico (que não necessariamente corresponde ao sintático) segundo o direcionamento da ligação fonológica do clítico em relação aos elementos que o circundam (para a esquerda – no PE (e, por hipótese, no PM) ou para a direita – no PB);

- quanto à face morfológica, o estatuto categorial do clítico está intimamente relacionado ao tipo de pronome. Os resultados sugerem, numa suposta escala de morfologização do pronome átono que vai da categoria [+ palavra, – afixo] à [– palavra, + afixo], que: (a) o pronome <o> seria o mais afixo dos pronomes em Português e (b) o pronome <se>, especialmente o do tipo reflexivo/inerente, pelas particularidades que apresenta principalmente quanto à sua posição nos complexos verbais, estaria num ponto dessa escala mais próximo da categoria [– palavra, + afixo] do que os demais pronomes não-reflexivos/inerentes.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que a presente pesquisa tenha oferecido contribuições nos níveis prático-descritivo (no estabelecimento dos elementos pertinentes às normas de cada variedade do Português), metodológico (na exploração dos recursos oferecidos pelo tratamento computacional variacionista e na utilização dos recursos técnicos da Fonética Acústica) e teórico-explicativo (nas reflexões sobre a natureza do clítico em Português), que, de um lado, confirmam resultados de estudos já realizados e, de outro, se somam às investigações anteriores e posteriores a esta. Desse modo, busca-se colaborar para o conhecimento do Português falado e escrito em áreas geográficas tão distantes e diferenciadas e para o conhecimento da Língua Portuguesa como um todo.

Sem dúvida, o tema da ordem dos clíticos é ‘fértil’ para diversas especulações científicas na busca de respostas a questões advindas da interface gramatical. Trata-se de uma *aventura* em que o *retorno* é garantido, mas certamente para novas *partidas*.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS